

## DIDÁTICA: MÉTODOS E PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**Vilson Pereira Pereira dos Santos**  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
[vilson23@gmail.com](mailto:vilson23@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar bibliografias sobre a proposta didática utilizada na alfabetização de jovens e adultos. Com este estudo bibliográfico pretende-se compreender o significado dos conceitos de alfabetização e de letramento além das concepções do método tradicional e do método escolanovista e as concepções teóricas que fundamentam a alfabetização com textos. O desenvolvimento da pesquisa consiste na leitura de autores que desenvolveram pesquisas que perpassam a temática em estudo, a fim de embasar teoricamente toda a pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Didática, ensino, EJA.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the proposal bibliographies on teaching used in adult and youth literacy. In this bibliographical study aims to understand the concepts of literacy and literacy beyond the traditional concepts and the New School method and the theoretical concepts that underlie literacy with texts. The development of the research consists of reading authors who have developed research that underlie the subject under investigation in order to explain theoretically the entire survey.

**KEYWORDS:** Didactic, teaching, EJA.

### 1 – INTRODUÇÃO.

Este artigo está voltado para a didática e nele propõe-se investigar a proposta de didática de ensino utilizada na alfabetização de jovens e adultos,

apresentando duas abordagens que são: a didática e a educação de jovens e adultos. Torna-se imperativo reconhecer que é necessária uma didática que promova a reflexão, a crítica e a transposição de conteúdos, independente do distanciamento físico entre professores e alunos. Quando se fala em educação no Brasil, defrontamos com estatísticas preocupantes principalmente quanto ao analfabetismo. Sobre o analfabetismo, MARTINS<sup>1</sup> (2006) afirma que:

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o analfabetismo no Brasil atinge mais de 16 milhões de pessoas acima de 15 anos de idade. Além dessa estimativa, aproximadamente, cerca de 60% da população incluindo jovens e adultos, não têm o ensino fundamental completo, o que representa um obstáculo para o exercício da cidadania dessas pessoas (MARTINS, 2006, p. 2).

Esse grande contingente constitui um público potencial dos programas de Educação de Jovens e Adultos correspondentes ao primeiro segmento de ensino fundamental. O analfabetismo tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades na educação, dentre as quais de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar. Para evitar o grande fluxo de evasão escolar, principalmente na educação de jovens e adultos, o professor deverá trabalhar com recursos didáticos adequados para esse grupo de pessoas. Como geralmente o aluno jovem e adulto também é um trabalhador, o professor deverá também tomar decisões importantes para poder manter esse aluno na escola.

Assim, o ensino pode ser visto como uma seqüência de tomadas de decisões pelo professor. E esse ato de decidir representa um momento muito importante da atividade do professor. Por esta razão a problemática da tomada de decisões pelo professor desperta cada vez mais o interesse de pesquisadores da área de Educação e, em particular, de Didática. No processo ensino-aprendizagem o professor precisa ficar atento à sua metodologia no ensinar. Segundo VICENTE

---

<sup>1</sup> MARTINS, Vivian Christine. Dissertação de mestrado. A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários. FFLCH da USP, 2006.

BENEDITO apud LIBANEO<sup>2</sup> (2002) “a didática é — está a caminho de ser - uma ciência e tecnologia que se constrói a partir da teoria e da prática, em ambientes organizados de relação e comunicação intencional, nos quais se desenvolvem processos de ensino e aprendizagem para a formação do aluno” (Cf. LIBANEO, 2002, p. 9). Diante da afirmação de LIBANEO (2002), durante a elaboração deste artigo, faremos uma análise sobre a didática aplicada na educação de jovens e adultos buscando compreender o papel do professor na elaboração e aplicação de seqüências de ensino.

Procuraremos entender algumas inquietações e incertezas nos métodos pedagógicos aplicados na Educação de Jovens e Adultos tais como: Qual é a melhor maneira de abordar um conteúdo? Que seqüência didática é construída? O material didático aplicado na EJA<sup>3</sup> é coerente com a realidade dos alunos?

## 2 – O QUE É DIDÁTICA?

Muitas vezes nos questionamos sobre o que é Didática qual é o campo de didática, qual é o objeto de estudo e o conteúdo próprio da Didática?

Para responder esses questionamentos, citamos LIBANEO<sup>4</sup> (2002), que destaca três pontos sobre o que é a Didática.

No primeiro ponto LIBANEO<sup>5</sup> (2002), diz que a “*Didática é uma disciplina “pedagógica” e é a teorização sobre finalidades e formas de intervenção na prática educativa num determinado contexto sócio-histórico*” (Cf. LIBANEO, 2002, p. 10).

No segundo ponto, LIBANEO<sup>6</sup> (2002), cita que “*das definições mencionadas diz respeito às relações entre ensino e aprendizagem como sendo um especial foco de interesse da Didática*” (p.11). O autor cita ainda que a Didática “*investiga os nexos entre o ensino e a aprendizagem, entre o trabalho docente e o trabalho discente, entre a direção do professor e a autoformação do aluno, relações essas que indicam os elementos comuns do ensino das diferentes matérias*” (Cf. LIBANEO, 2002, p.11).

2 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p

3 Educação de Jovens e Adultos.

4 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p.

5 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p.

6 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p.

No terceiro ponto, LIBANEO<sup>7</sup> (2002), cita que *“a aprendizagem é a referência básica do ensino, de modo que o ensino atua como mediação na efetivação da relação ativa do aluno com os objetos de conhecimento. Aqui está o cerne da posição que defendo: o ensino configura-se como o provimento das condições e modos de assegurar o processo de conhecimento pelo aluno, sob a condução pedagógica do professor”* (Cf. LIBANEO, 2002, p. 10-11).

Diante das citações de LIBANEO (2002), compreendemos que a didática é a parte da pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino, destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica dos diferentes processos de ensino e aprendizagem. O objeto da Didática é a compreensão do processo de aprendizagem na sua totalidade.

O precursor da Didática foi João Amós Comenius (1592-1670), que no século XVII estudou a formação dessa teoria para investigar as ligações entre o ensino, o aprendizado e suas leis, e escreveu a primeira obra clássica sobre o assunto, intitulada *“Didactica Magna”*. Essa obra possuía (naquele momento histórico) um caráter revolucionário, pois serviu com ardor à causa protestante de luta contra o tipo de ensino que a Igreja Católica Medieval praticava, pregando a máxima de *“ensinar tudo a todos”*.

Tal disciplina técnica que tem como objetivo específico a *“técnica de ensino”*, visa ajudar a resolver possíveis contradições entre o processo de ensino-aprendizagem e sua utilização é elementar para todo tipo de atuação docente seja ela presencial ou à distância. O processo de ensino-aprendizagem sob o prisma da didática é esclarecido por LIBANEO<sup>8</sup> (2005), quando este nos diz que:

O processo didático se explicita pela ação recíproca de três componentes – os conteúdos, o ensino e a aprendizagem – que operam em referência a objetivos que expressam determinadas exigências sociopolíticas e pedagógicas e sob um conjunto de condições de uma situação didática concreta (LIBANEO, 2005, p. 91).

Mas, o que é didática? Quem pela primeira vez se dispôs a estudar a didática e viu-se surpreendido, pois embora em sua vida e durante os seus estudos anteriores tenha tido contatos com a didática, sem percebê-la?

7 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p.

8 LIBANEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p

Todo trabalho humano, técnico e profissional do professor está fundamentado e embasado na Didática. A didática não se esgota na sala de aula e no ambiente de ensino, mas ela deve estar presente na vida de qualquer profissional, pois está inserida no processo de aprendizagem de quem ensina e de quem aprende. Assim, na vida ou se está ensinando ou aprendendo. Portanto, a didática constitui-se na ferramenta básica do sucesso de qualquer profissional.

A palavra “didática” - dependendo do contexto em que é empregada - ora é substantivo, quando se refere à disciplina, ora é adjetivo, quando se refere à qualidade. Por conta dessa duplicidade de sentido, a didática assume várias funções: é a transmissão de conteúdo; é a arte de ensinar ou explicar os conteúdos na escola; é ciência ou disciplina com suas regras gerais cuja pretensão é elaborar normas de ações empiricamente fundamentadas.

Portanto, ao ser tratada como substantivo, a didática é colocada em termos genéricos, sem explicar o que ou a quem se destina, ou através de que meios será administrada. Quando a palavra é empregada como adjetivo, adquire outros significados e se opõe a certas formas de ensinar, dizer, transmitir etc. O didático demonstra a aplicação de certos critérios, tais como: de intencionalidade, de qualidade, de adequação, etc.

Nesse contexto, o termo atribui qualidade quando se refere a professor, conteúdo, livro, postura etc. Vários aspectos são considerados quando a palavra “didática” é usada no sentido mais culto e técnico. Nesses casos, os autores procuram conceituar a didática como: instrumental, técnica, lógica, relação topográfica, sociopolítica e humana. Indicam, também, quais são os seus limites, qual o espaço que ocupa e que conteúdos lhe são pertinentes.

## **2.1 - A abordagem didática na Educação de Jovens e Adultos.**

Os alunos jovens e adultos necessitam de práticas educativas distintas daquelas que um dia tiveram na escola normalista enquanto crianças, tendo em vista sua história de vida enquanto adulto evadido do meio escolar e suas vivências cotidianas e no trabalho. Por isso, acreditamos que o uso de projetos pedagógicos

coerentes e bem trabalhados, constitui uma estratégia diferenciada e adequada de ensino para este público específico de alunos.

Para a utilização desta estratégia de ensino, faz-se fundamental a participação dos alunos, sua motivação, seus conhecimentos prévios, a sua vivência cotidiana, seus interesses, enfim, todos os aspectos e anseios do público alvo devem ser considerados e aproveitados como material didático para o desenvolvimento de todas as etapas de aprendizagem.

A utilização de projetos pedagógicos é também uma proposta de ensino para facilitar e motivar a aprendizagem de alunos adultos, tendo em vista que na Educação de Jovens e Adultos o tempo é limitado, pois os alunos que freqüentam a escola são na sua grande maioria trabalhadores braçais, classificados como informais ou formais<sup>9</sup>, desempregados, pais de família, sem residência fixa e geralmente filhos de trabalhadores da zona rural com um baixo nível de escolaridade e que não têm o estudo como prioridade.

Na EJA, independente da estratégia de ensino, há uma necessidade em reconhecer e utilizar os conhecimentos e habilidades construídos pelos educandos por meios informais, adquiridos nas experiências de suas vidas. OLIVEIRA<sup>10</sup> (1999), “supõe que certos hábitos, valores e práticas culturais não estejam ainda plenamente enraizados nos aprendizes; supõe que certos modos de transmissão de conhecimentos e habilidades seriam os mais apropriados” (Cf. OLIVEIRA, 1999 p. 61).

Para poder ampliar o convívio escola-aluno seria viável que os alunos contribuíssem com sugestões nos planejamentos pedagógicos havendo assim uma interação maior no que acontece em sala de aula com o cotidiano dos alunos jovens e adultos e então aproveitar e transformar essas informações em conhecimentos científicos produzidos a partir dos espaços escolares. Levando-se em conta a afirmação feita por Oliveira (2005), principalmente, quanto à necessidade de desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem em relação ao aluno

<sup>9</sup> O trabalho informal é o tipo de trabalho desvinculado a qualquer empresa, ou seja, é o trabalho indireto onde não há vínculo empregatício entre patrão e empregado. Emprego formal é aquele com carteira de trabalho assinada, constando todos os direitos trabalhistas. (grifos meus)

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Martha Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Edição Set/Out/Nov/Dez 1999 Nº 12.

adulto, ou seja, na utilização de metodologias alternativas de ensino, a pedagogia de projetos na EJA insere-se como uma alternativa bastante adequada para organizar os trabalhos pedagógicos voltados para o público da EJA. De acordo com a afirmação de MOTTA<sup>11</sup> (2007):

É imprescindível que o professor escute os seus alunos e utilize mecanismos para desenvolver conhecimentos para a construção da oralidade, leitura e escrita. Reconhecer os saberes do cotidiano e os raciocínios que os alunos desenvolvem ao resolverem uma atividade contribuem para a formação de significados, avaliando o que sabem e como se pode progredir (MOTTA, 2007, p. 33).

Através da citação de MOTTA (2007), podemos então afirmar que o aluno adulto precisa sistematizar os conhecimentos que já possui e que construiu com as práticas de vida, ou seja, experiências adquiridas no seu cotidiano, e relacioná-los com os conhecimentos trabalhados na sala de aula. Para isso, reconhecer os elementos que compõem sua realidade é essencial para que, de fato, haja uma construção do conhecimento e para que a aprendizagem seja significativa. Tal necessidade de posicionamento deve-se à busca dos alunos em completar sua educação básica por razões práticas, muitas vezes de sobrevivência no mercado de trabalho.

## 2.2 - Que seqüência didática é construída na educação de jovens e adultos?

Sabe-se que os alunos jovens e adultos necessitam de práticas educativas distintas daquelas que um dia tiveram na escola em sua idade escolar, tendo em vista sua história de vida e suas vivências, sejam em casa, no dia a dia ou no trabalho. Por isso, acreditamos que o uso de uma didática própria, constitui uma estratégia diferenciada e adequada de ensino para este público específico de alunos. Para a utilização desta estratégia de ensino, faz-se fundamental a participação dos alunos, sua motivação, seus conhecimentos prévios e seus interesses. Assim, todos os aspectos desse público alvo devem ser considerados e aproveitados como material para o desenvolvimento de todas as etapas de aprendizagem.

11 MOTTA, Simone Fialho da. Educação de jovens e adultos: evasão, regresso e perspectivas futuras. Ribeirão Preto, SP: CUMML, 2007. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda.

A utilização de uma didática própria é também uma proposta de ensino para facilitar e motivar a aprendizagem desse público, visto que na Educação de Jovens e Adultos o tempo é limitado, pois a grande maioria dos alunos que freqüentam essa modalidade de ensino são trabalhadores. Sendo os mesmos trabalhadores, a grande maioria não consegue conciliar o emprego com a educação devido às exaustivas jornadas de trabalho às quais são submetidos. Pais e mães de famílias que além da educação também estão excluídos<sup>12</sup> de outros processos sociais sendo que na sua maioria são pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social e que culturalmente não têm a educação como prioridade. Portanto, são pessoas que diante de qualquer obstáculo ou situação adversa, preferem abandonar a escola. O que, mais uma vez, justifica o uso de uma estratégia diferenciada de ensino. Assim, segundo afirma OLIVEIRA<sup>13</sup> (1999),

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre essa escola e os alunos que dela se servem, embora não possamos desconsiderar, a esse respeito, fatores de ordem socioeconômica que acabam por impedir que os alunos se dediquem plenamente a seu projeto pessoal de envolvimento nesses programas (OLIVEIRA, 1999, p. 62).

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional.

Na EJA, independente da estratégia de ensino, há uma necessidade em reconhecer e utilizar os conhecimentos e habilidades construídos pelos educandos por meios informais, adquiridos nas experiências de suas vidas, para então

---

12 Dada a ampliação do conceito epistemológico de exclusão e a atual impossibilidade de delimitá-lo em uma única esfera, segundo alguns autores, excluídos são aqueles que são rejeitados de nossos mercados simbólicos. O significado de exclusão que se aprende dos sujeitos jovens e adultos os remete sempre à condição de não pertencentes à determinada cultura ou classe social, que “coincidentalmente”, é também escolar.

13 OLIVEIRA, Martha Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Edição Set/Out/Nov/Dez 1999 Nº 12.



aproveitá-los e transformá-los em conhecimentos científicos produzidos a partir dos espaços escolares. De acordo com MOTTA<sup>14</sup> (2007):

O conhecimento é construído nas interações com os outros. No entanto, as relações entre as pessoas que participam de determinada interação são desiguais porque, dependendo do foco, uns sabem mais que outros. Portanto, é imprescindível que o professor escute os seus alunos e utilize mecanismos para desenvolver conhecimentos para a construção da oralidade, leitura e escrita. Reconhecer os saberes do cotidiano e os raciocínios que os alunos desenvolvem ao resolverem uma atividade contribuem para a formação de significados, avaliando o que sabem e como se pode progredir (MOTTA, 2007, p. 33).

Assim conforme a citação da autora pode-se afirmar que o aluno adulto precisa sistematizar os conhecimentos que já possui e relacioná-los com os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Para isso, reconhecer os elementos que compõem sua realidade é essencial para que, de fato, haja uma construção do conhecimento e para que a aprendizagem seja significativa. Tal necessidade de posicionamento deve-se a busca dos alunos em completar sua educação básica por razões práticas, muitas vezes de sobrevivência no mercado de trabalho.

### **3 - Métodos e práticas de ensino na educação de jovens e adultos.**

Os métodos<sup>15</sup> de ensino é a categoria mais dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, já que é determinado por objetivos que mudam em função do dinamismo da realidade sociocultural em que o processo está inserido. Além disso, os métodos de ensino trabalharam com conteúdos que, pelos mesmos motivos, também sofrem permanente revisão. O método ainda depende dos meios de ensino disponíveis em seu contexto educativo e, principalmente, das características gerais da clientela a que se dirige (número de alunos, sua idade, seu nível de desenvolvimento prévio, o estrato sociocultural a que pertencem, gênero, dentre outros). Para Oliveira<sup>16</sup> (1999):

<sup>14</sup> MOTTA, Simone Fialho da. Educação de jovens e adultos: evasão, egresso e perspectivas futuras. Ribeirão Preto, SP: CUML, 2007. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda.

<sup>15</sup> São as formas através das quais os professores trabalharam os diversos conteúdos com a finalidade de atingirem os objetivos propostos, ou seja, são ações conscientes, planejadas e controladas (Grifos Meus).

<sup>16</sup>

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Educação como exercício de diversidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p. – (Coleção educação para todos; 7).

Currículos, programas, métodos de ensino foram originalmente concebidos para crianças e adolescentes que percorreriam o caminho da escolaridade de forma regular. Assim, a organização da escola como instituição supõe que o desconhecimento de determinados conteúdos esteja atrelado a uma determinada etapa de desenvolvimento (OLIVEIRA, 1999 p. 61).

Considerando tudo isso, os métodos de ensino, por mais que alguns deles tenham obtido êxito comprovado em algumas situações, não podem ser nunca encarados como respostas definitivas para os mais sérios problemas educacionais, como modelos estandardizados de longo alcance. Há que se ter muito cuidado com as generalizações em um campo que sofre a influência de tantas e tão complexas variáveis.

### **3.1 - Os meios de ensino.**

Os conceitos de meios de ensino<sup>17</sup> variam muito, sendo por vezes muito restritivos e, em outros casos, excessivamente abrangentes. Há os que consideram os meios de ensino como meros instrumentos auxiliares do professor no processo de ensino-aprendizagem. Tal concepção é restritiva porque a condição de "instrumentos auxiliares<sup>18</sup>" pressupõe uma participação passiva da categoria no conjunto do processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento dos meios pode promover mudanças substanciais no processo pedagógico como um todo, e eles são, em muitos casos, absolutamente necessários para a satisfação de determinados objetivos. Há os que conceituam os meios de ensino enfatizando, sobretudo, a sua natureza material.

Este tipo de conceituação, apesar de recuperar, em alguma medida, a importância dos meios no interior do sistema docente-educativo, apresenta um problema fundamental. Não faz uma distinção entre os meios que contêm em si mesmos alguma informação, e os outros, meros instrumentos auxiliares, como cadeiras, mesas, apagadores de quadros, entre outros recursos materiais.

---

17 Aos Meios de Ensino compreendem-se todos os componentes do processo educativo atuando como um material de suporte; métodos para a finalidade de atingir os objetivos propostos que referimos (Grifos meus).

18 Instrumentos Auxiliares é a parte física e estrutural utilizados no ambiente escolar, como cadeiras, mesas, apagadores de quadros, entre outros recursos materiais (Grifos meus).

### 3.2 - A Cartilha nos dias atuais.

Diante dos diversos fatores ligados à evasão escolar de jovens e adultos, podemos destacar como um dos fatores inquestionáveis e determinante para o abandono da escola, a forma como os assuntos são abordados na sala de aula, o que evidencia o despreparo da escola e do professor ao receber o aluno.

O Brasil precisa apresentar números apreciáveis de alunos que freqüentam a escola. Poderíamos, portanto, nesse instante destacar um dos principais problemas da EJA<sup>19</sup>. "Os números". Que muitas vezes são fictícios ou tão somente fantasiosos com professores despreparados, alunos desestimulados, livros de conteúdo questionável e escolas sem a mínima estrutura física, com isso pode-se imaginar o que se reserva a essa categoria. Segundo VÓVIO e BICAS<sup>20</sup> "as turmas de EJA funcionam sempre em locais cedidos pela comunidade local. Há turmas no período noturno e diurno, com aproximadamente 25 educandos em cada uma e cerca de três horas diárias de aula (Cf. VÓVIO e BICAS, 2005 p.203)."

Com relação aos recursos didáticos, VÓVIO e BICAS (2005) afirmam que,

Os recursos materiais para o trabalho em sala de aula são escassos. Conta-se com uma pequena verba para compra de materiais escolares; raras vezes dispõe-se de acervos próprios ou bibliotecas que atendam às educadoras e seus alunos. Também não estão disponíveis equipamentos para reprodução de materiais didáticos. Restam o quadro de giz, as folhas para cartazes e a necessária disposição e criatividade para atuar em tais condições (VÓVIO e BICAS, 2005, p.203).

Há décadas que se buscam métodos e práticas adequadas ao aprendizado de jovens e adultos, como afirma FREIRE (1979);

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem (FREIRE, 1979, p. 72).

19 Como ex-professor da EJA, vivenciei algumas dificuldades que cercam a Educação de Jovens e Adultos afetando o desempenho dos professores e dos alunos em sala de aula.

20 Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. 362p. — (Coleção educação para todos; 3).

Com isso, notamos que desde os anos 70, ou até mesmo antes, o uso da cartilha e metodologias inadequadas na educação de jovens e adultos preocupavam os educadores da época e, infelizmente, essa problemática permeia os tempos atuais. Essa reflexão leva-nos a buscar novas metodologias, adequadas à realidade do educando, não seguindo a padronização da cartilha que reduz o aprendizado a símbolos pré-determinados e que não condizem com o papel do educador que é mediar a aprendizagem, priorizando, nesse processo, a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o "conhecimento letrado"<sup>21</sup>. O desenvolvimento do conhecimento letrado atravessa um caminho muitas vezes estranho, pois tem que abranger todo o contexto que possibilita seu desenvolvimento.

Apesar de o uso da cartilha ser eficaz quanto ao quesito "alfabetização" apesar da sua mecanização, os alfabetizados são impedidos de tornarem os construtores de seu próprio conhecimento - de aprender, descobrir, criar soluções, escolher e assumir as conseqüências de suas escolhas-, pois recebem tudo "pronto", e não leva em consideração a lógica de quem aprende. Segundo MARTINS<sup>22</sup> (2006),

Reforçam as críticas às cartilhas de alfabetização que contêm palavras e frases fora de contexto significativos. Contudo, mesmo nas propostas pedagógicas preocupadas com a linguagem significativa, havia ainda uma ênfase muito grande nos procedimentos do método silábico, de montagem e desmontagem de palavras (MARTINS, 2006, p. 23.)

A necessidade de se adequar as práticas educativas à realidade desses alunos se deve ao fato de os mesmos já possuírem um conhecimento cultural e um nível de subjetividade diferenciado das crianças do Ensino Regular. Referente às

21 Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/> - **Conhecimento** s.m. Ato ou efeito de conhecer. / Idéia, noção de alguma coisa: conhecimento das leis. / Informação: conhecimento de um fato. / Relação de familiaridade, mas não de intimidade. / Com. Documento, recibo, nota em que se declara o recebimento de mercadoria a ser despachada por qualquer veículo de transporte, ou simplesmente armazenada. / &151; S.m.pl. Saber, instrução, cabedal científico: homem de grandes conhecimentos. **Letrado** - adj. e s.m. Que ou aquele que tem amplos conhecimentos; culto, ilustrado. / Versado em literatura.

22 MARTINS, Vivian Christine. Dissertação de mestrado. A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários. FFLCH da USP, 2006.

cartilhas, FREIRE<sup>23</sup> (1979), afirma que, “por essa razão não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma” (Cf. FREIRE, 1979, p. 72).

Como educadores, precisamos rever o material didático que utilizamos, porém é preciso não só o educador repensar o seu papel enquanto mediador de uma aprendizagem que priorize a bagagem de conhecimento trazida por seus alunos, mas também deverá haver flexibilidade das instituições em permitir a realização de um trabalho diferenciado e investir em material didático e na qualificação dos profissionais dessa área.

#### **4 – Didática e criatividade na sala de aula.**

Todos os profissionais que trabalham em sala de aula sabem da dificuldade que há em lidar com pessoas quem advêm de diferentes realidades, sejam sociais, econômicas, culturais ou educacionais. O professor deve conhecer o comportamento dos estudantes valorizando-os e auxiliá-los, sempre mostrando o conhecimento que será adquirido por ele caso este realmente se dedique aos estudos.

Para trabalhar com pessoas advindas de camadas sociais consideradas vulneráveis, o profissional da educação deverá utilizar de meios criativos dentro da sala de aula para poder despertar o interesse dos alunos, coibindo assim a evasão. A criatividade é algo que pode fazer a diferença dentro de uma sala de aula, ou seja, os [alunos](#) acabam se interessando mais pelo conteúdo quando o professor ensina de forma ‘diferente’ e dinâmica. A educação sempre conservou o mesmo método maçante de trabalho em sala de aula, mas agora isso parece estar mudando.

É por isso que o conteúdo ou as aulas não devem se tornar monótonos ou rotineiros para que os alunos não acabem desvalorizando-os. O professor deve optar, portanto, pela criatividade na sala de aula. Através desse processo, os estudantes aprenderão e se dedicarão, pois irão apreciar o que estão aprendendo.

23 FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

A criatividade deve ser utilizada juntamente com outros tipos de atividades, na hora da explicação, e de um modo que prenda a atenção dos estudantes para aquele momento e nada mais, evitando, portanto, as distrações e desinteresses. Cada situação deve ser analisada pelos profissionais de maneira diferente e realmente auxiliadora. Conforme CASTANHO<sup>24</sup> (2000), “a criatividade tem merecido atenção de muitos especialistas, além dos psicólogos, sendo matéria também da sociologia, da epistemologia, da filosofia, da história, da antropologia, da inteligência artificial, das neurociências e de outras disciplinas” (Cf. CASTANHO, 2000, p. 86).

Segundo Cunha citado por CASTANHO (2000),

A aula é entendida como espaço para a dúvida, leitura e interpretação de textos, trabalhos em grupo, poesias, músicas, observações, vídeos. Os métodos de trabalho devem ter o aluno como referência, valorizar o cotidiano, preocupar-se com a linguagem (acerto de conceitos), privilegiar a análise sobre a síntese, ver a aprendizagem como ação, selecionar conteúdos emergindo dos objetivos, inserir a dúvida como princípio pedagógico e valorizar outros materiais de ensino. Assim, teremos os seguintes ganhos: recuperação do prazer de ensinar e aprender, possibilidade de interdisciplinaridade e novas aprendizagens (CASTANHO, 2000, p. 88).

A aula deve ser interessante para ambas as partes, tanto o aluno quanto o professor devem compartilhar seus conhecimentos. Assim o professor deixa de ser o responsável apenas para transmitir conhecimento e passa a ser um provocador em sala de aula. O bom professor também deve aproveitar em sala de aula os conhecimentos prévios dos seus alunos. Para CASTANHO<sup>25</sup> (2000), o professor deve, “ter o aluno como referencia, valorizar o cotidiano, preocupar-se com a linguagem (acerto de conceito) privilegiar a análise sobre a síntese, ver aprendizagem como ação, selecionar conteúdos emergindo do s objetivos, inserir a dúvida como princípio pedagógico, valorizar outros materiais de ensino” (Cf. CASTANHO, 2000, p.88).

De acordo com a citação de CASTANHO (2000), os professores devem ser criativos e buscar todos os recursos materiais disponíveis. Dentre esses materiais, a

24 CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A. et. al.. Pedagogia universitária: a aula em foco. 2. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2000.

25 CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A. et. al.. Pedagogia universitária: a aula em foco. 2. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2000.

tecnologia tem se mostrado um recurso que concede mais possibilidades ao senso criativo, assim o professor pode preparar suas aulas usando um computador e o assunto poderá ser exposto de uma forma mais original.

Outra forma de usar a criatividade é procurando dar atenção às diferentes opiniões dos alunos que eventualmente podem contribuir para o bom andamento da aprendizagem de todos. O professor deve encontrar um meio com o qual a classe consiga aprender mais facilmente, não ficando preso apenas à teoria, mostrando na prática, o conteúdo da disciplina no dia-a-dia dos alunos.

#### 4.1 - Didática e Interdisciplinaridade na Educação de Jovens e Adultos.

Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos de algum modo nos referindo a uma espécie de interação entre as disciplinas ou áreas do saber. Segundo os PCN<sup>26</sup>,

A interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, **a interdisciplinaridade tem uma função instrumental**. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (Brasil, 2000, p. 22 grifos meus).

Ainda de acordo com os PCN<sup>27</sup>,

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve **partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prevenir, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários** (BRASIL, 2000, p. 79, grifos meus).

Defendemos que a interdisciplinaridade não deveria ser considerada uma meta obsessivamente perseguida no meio educacional simplesmente por força da lei, como tem acontecido em alguns casos. Pelo contrário, ela pressupõe uma organização, uma articulação voluntária e coordenada das ações disciplinares orientadas por um interesse comum.

26 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000. (Grifos Meus)

27 Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nesse ponto de vista, a interdisciplinaridade só valerá a pena se for uma maneira eficaz de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos membros da unidade escolar. Caso contrário, ela seria um empreendimento trabalhoso demais para atingir objetivos que poderiam ser alcançados de forma mais simples.

Quando falamos de interdisciplinaridade no ensino, não podemos deixar de considerar a contribuição dos PCN. Uma análise mais cuidadosa desses documentos nos revela a opção por uma concepção instrumental de interdisciplinaridade. Os caminhos na busca da interdisciplinaridade devem ser trilhados pela equipe docente de cada escola. O ponto de partida é determinado pelos problemas escolares compartilhados pelos professores e por sua experiência pedagógica. O destino é determinado pelos objetivos educacionais, ou melhor, pelo projeto político pedagógico da escola. Na prática a interdisciplinaridade é um esforço de superar a fragmentação do conhecimento, tornar este relacionado com a realidade e os problemas da vida moderna. Muitos esforços tem sido feitos neste sentido na educação.

A interdisciplinaridade pode ser vista como uma nova concepção do saber e do processo de ensinar, ou seja, um novo princípio norteador da reorganização dos diversos objetos de estudo e de reformulação das estruturas pedagógicas. Na prática, para superar a fragmentação do saber decorrente da especialização, a interdisciplinaridade representa uma possibilidade de negociação de pontos de vista, de diálogo e de interação entre as disciplinas, alunos e professores.

### **Considerações finais**

Na sua prática docente o professor é, constantemente, levado a tomar decisões, quer seja no momento da interação real com o aluno, quer no momento do planejamento de aula, ou ainda quando observa o aluno em atividade escolar. Nesse artigo refletimos sobre a prática do professor a partir da problemática das tomadas de decisões didáticas, voltando o nosso olhar para os conhecimentos que determinam essas decisões.



Durante a elaboração deste artigo, pudemos perceber, que a necessidade de uma alfabetização adequada para jovens e adultos é urgente, pois certamente diminuirá as divisões sociais e econômicas do Brasil. Diante disso a educação torna-se uma necessidade urgente, onde a partir da alfabetização toda a sociedade brasileira caminhará para um bem comum.

Para essa adequação se tornar viável, não basta somente revermos o material didático. Porém é preciso não só o educador repensar o seu papel enquanto mediador de uma aprendizagem que priorize a bagagem de conhecimentos trazidos por seus alunos, mas também a flexibilidade das instituições em permitir a realização de um trabalho diferenciado investindo em material didático e na qualificação dos profissionais dessa área.

Isso é realidade e somente através de uma política educacional coerente com a colaboração de todos os educadores e sociedade, poderemos reverter essa situação que incomoda e parece não ter fim. Mas a questão não é tão simples assim, pois é muito complexa a compreensão da palavra “analfabeto”, isto é, uma pessoa que não sabe ler e escrever, não é um ser que esteja vazio, pois existe em si um conjunto de informações que prevalecerá em momentos distintos um do outro.

O problema está aí, e bem à nossa frente existem jovens e adultos analfabetos que precisam de uma chance para aprender a ler e escrever, e o nosso dever como educador é promover um ensino de qualidade que possa ser útil dentro dessa realidade explícita. Nós, educadores, devemos abraçar essa causa para podermos promover o desenvolvimento de habilidades que garantam, não apenas, a aquisição do sistema de escrita e de leitura, mas também, ofereça novos conhecimentos aos alunos jovens e adultos.

O professor como alfabetizador deverá utilizar a didática no favorecimento da formação de sujeitos reflexivos, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade que seja mais democrática e menos excludente, desenvolvendo no alfabetizando, habilidades para o uso social da leitura e da escrita no seu cotidiano. O tema abordado nesse trabalho é amplo e exige uma pesquisa apurada no ambiente escolar como também na sociedade e ainda uma pesquisa bibliográfica significativa.

### Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

\_\_\_\_\_. PCN + Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A. et. al.. *Pedagogia universitária: a aula em foco*. 2. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002. 134p.

MARTINS, Vivian Christine. Dissertação de mestrado. *A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários*. FFLCH da USP, 2006.

MOTTA, Simone Fialho da. Educação de jovens e adultos: evasão, egresso e perspectivas futuras. Ribeirão Preto, SP: CUMML, 2007. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*. Edição Set/Out/Nov/Dez 1999 Nº 12.

VÓVIO, Cláudia Lemos. BICAS, Maurilene de Souza. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. ORGANIZAÇÃO: Departamento de Educação de Jovens e Adultos/Secad e Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil – RAAAB